

Agosto Litterary

20,00

Rio, 17-5-48

VIAGEM PELO BRASIL

POR

J. B. von SPIX e C. F. P. von MARTIUS

TRADUÇÃO BRASILEIRA

PROMOVIDA PELO

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
para a comemoração do seu centenário

22741
16

104

Tradutora, d. Lucia Furquim Lahmeyer,
bibliotecária do Instituto; revisores,
o dr. B. F. Ramiz Galvão e o prof. Basilio
de Magalhães (que foi também o anotador)

*La Gondamine esteve em Alvarães em 1743
Barra do Rio Negro, pag. 210*


TERCEIRO VOLUME

*Caicara ou Alvarães, pag. 282
Em Outubro de 1819 Martius esteve em Alvarães.
Alvarães Ladras pag. 213*

RIO DE JANEIRO - IMPRENSA NACIONAL

1938

910. 981
110



VIAGEM AO BRASIL DE SPIX E MARTIUS

TERCEIRA PARTE

Furtura de peixe, no Polimões,
em todos os rios de água barrenta.
Ao contrário, no Rio Negro, pág. 385
Índios "manaus", no Rio Negro,
no começo do século XIX pág. 399.

OITAVO LIVRO

CAPITULO I

Estada na cidade de Santa-Maria-de-Belem
do Grão-Pará

CAPITULO I

Apenas alguns dias de permanência em Rocinha, a aprazível vivenda rural onde se nos ofereceu tão benévola hospitalidade, já nos fizeram sentir rápida mudança no nosso estado de saúde. Rejuvenescidos e fortalecidos, pulsava-nos o sangue com mais ardor, mais rápidos eram os nossos movimentos, com maior disposição nos punhamos à mesa, e com espírito mais claro apreciámos o esplendor que nos cercava. Verificávamos, cheios de surpresa, essas rápidas mudanças em nosso ser; e, fosse por que fosse, o ar mais saudavel ou o ambiente mais animado, talvez a alegria por haver alcançado a tão almejada meta tivesse produzido a mágica influência, — felicitávamo-nos por esse renascimento, promissor para as atividades futuras.

A casa que habitávamos, um vasto quadrado, compreendia não só inúmeros aposentos, mas tinha nos fundos senzalas para diversas famílias de pretos e, pouco afastada da cidade, oferecia todos os encantos da solidão. Estendia-se dali um campo plano, cercado, mas interrompido, aqui e acolá, por palmeiras e espinheiros. Na parte posterior da casa, estavam a espaçosa cozinha e o pomar, em cuja extremidade estreitas picadas conduzem a terreno inculto, desigual, coberto de sombrio capoeirão e de espessura impenetravel, em distância a perder de vista. Aquí, pelas vargens, ha ipueiras e lagoas, de cujas águas surgem tufos de canaranas e de ubís de espinho. Cheio de horror, perde-se o naturalista a dar passadas incertas nesse terreno, abandonado pelas aves da mata, onde se lhe deparam apenas, às vezes, capivaras ariscas, ou violento fartum almiscarado lhe denuncia a presença dos monstros de carapaça, os jacarés, que, como réprobos, se conservam escondidos na lama e na escuridão. Achávamo-nos, portanto, numa região já por um lado enobrecida pelo cultivo, embora por outro lado representada pela invencível força

criadora do solo americano; e um só olhar abrangia às mais diversas manifestações da natureza. Mas, si a cada passo nos deslumbrava a incrível fertilidade dessa criação, era ao mesmo tempo de enlevo e de alívio a sensação que tínhamos diante da indizível tranquilidade e harmonia, que pairavam sobre a natureza. Tudo em volta de nós se destacava distintamente como uma ressonância, como um ato do grandioso drama do mundo, no qual, desde o Criador, animado do imortal gozo de ser, todos e cada um, segundo o seu modo, porfiam anelante pelo prêmio e pelo louvor; e mais significativo, mais patente do que em qualquer outro lugar, pareceram-nos ressoar, em harmoniosa concordância no hino à vida, tanto as plantas como os animais, tanto os elementos como o eter e como o sol, dominador dos planetas. Em parte alguma ainda nos haviam essas meditações despertado sensações tão profundas, tão veementes, como aqui, onde a vizinhança do equador confere a tudo como que uma expressão nova, sagrada; e nós, chegados a este ponto de pleno gozo nos considerámos convidados a expandir as idéias que prévias experiências e pontos de vista haviam sazornado em nosso espírito. Como esta narração de viagem também é espelho de nossa vida íntima, ao leitor amigo não devemos somente dar conhecimento dos objetos de nossas observações; seja também permitido ao autor acrescentar uma folha do seu diário, que, sob forma realmente diversa da usual, exprime o seu estado de alma e o encanto que nele deixou aquele inolvidavel momento.

“Pará, 16 de Agosto de 1819. — Como sou feliz aquí! Quão profunda e intimamente ocorre à minha compreensão tanta coisa que antes me era inacessível! A majestade deste lugar, onde todas as forças se congregam, concordes, e ressoam conjuntas em hino triunfal, amadurece sensações e pensamentos. Quero dizer que melhor compreendo o que é ser historiador da natureza. Aprofundo-me diariamente na grandiosa e inexprimivel pulsação de vida da natureza, e, se não consigo compenetrar-me da sua divina essência, entretanto pressinto, em arrebatamento nunca antes experimentado, a idéia de seu esplendor. São tres horas da madrugada; deixo a minha rede, pois na agitação em que ando me foge o sono; abro os postigos e olho para fora, para a augusta escuridão da noite. Festivamente resplandecem as estrelas e as águas trêmulas do rio, fazendo prata, refletem para mim a lua, já no ocaso. É tudo silêncio, é tudo mistério em volta de mim! Saio para a varanda, levando a lanterna furta-fogo, e contemplo as minhas queridas amigas, as árvores e os arbustos, que cercam a casa. Muitas delas dormem, tendo as folhas todas inclinadas; outras, porem, as que dormem de dia, expandem-se tranquilas, na paz da noite; poucas flores estão abertas;

somente vós, cercas cheirosas de *Paullinias*, saudais o viandante com a doçura do vosso aroma; e tu, sombria mangueira de larga fronde, protege-me do sereno. Esvoaçam, como fantasmas, grandes falenas atraídas pela luz da lanterna. O orvalho banha cada vez mais a campina reçumante de frescura, e a aragem húmida da noite traspassa-me os membros. Um grilo, morador da casa, com o seu chiado singelo, chama-me lá para dentro, e faz companhia ao feliz sonhador que espera o dia, impedido de dormir pelo zumbido dos mosquitos, pelas marteladas do sapo-ferreiro, ou pelo plangente chamado do noitibó (1). Às cinco horas, já vejo em torno de mim o lusco-fusco matutino; o ar, mais aquecido, espalha no céu uma luz cinzenta-pérola fundida com a sanguínea da madrugada; apenas o zênite ainda está escuro. Os vultos das árvores parecem mais e mais perto; o vento terral, que sopra do oriente, agita-as devagar; e já vejo reflexos rosa-rubros acima das copas em cúpola das *Caryocares*, *Bertholetias* e *Symphonias*. Os ramos, as folhas indireitam-se, despertos, e banham-se na frescura matutina; voam escaravelhos, zumbem insetos, pipilam pássaros, macacos fogem para a espessura, gritando; vacilantes falenas procuram, ofuscadas, os seus retiros na mata; e a raça astuta dos preás (2) esgueira-se amedrontada, deixando as aves, pois o galo, com alarde, anuncia o sol. Vai clareando cada vez mais o céu; amanhece o dia; indescritível solenidade paira sobre a natureza: a terra espera o seu noivo; ei-lo! A orla vermelha do sol irrompe, dardejando raios; aparece o astro, num momento, está todo acima do horizonte, emergindo das ondas de fogo e esparge a sua ardente claridade sobre a terra. Desfaz-se a magia do lusco-fusco; grandes reflexos perseguem as sombras, afugentando-as; e eis que, por toda a parte em torno do contemplador embevecido, aparece a terra toda orvalhada de brilhantes, festiva, irradiando frescura juvenil: a mais linda noiva. Nem uma só nuvem no firmamento, que se arqueia sereno por cima da terra. É tudo vida: animais e plantas, estas em gozo, aqueles em luta.

(1) *Noitibó*, segundo alguns filólogos, vem de *noctivagus*; conforme outros, procede de *noctivulus*. Mas Teodoro Sampaio, além de consignar a variante *oitibó*, e talvez em razão dela, tem a palavra na conta de “voz onomatopaica do canto da ave noturna, agoureira para o selvagem” (*ob. cit.*, 252). É um *Nyctibius*, da família dos *Caprimulgidae*, e, portanto, parente do *urutá*, uma de “Las tres aves gritonas”, tão bem descritas e tratadas folcloricamente por Lehmann-Nitsche (“Rev. de la Universidad de Buenos Aires”, 1928). (*Nota do revisor*).

(2) *Preá*, nome vulgar do *Cavia apereá*, origina-se de dois vocábulos indígenas, pois, segundo Teodoro Sampaio (*ob. cit.*, 201), vem do tupí *apereá*, “mora no caminho” (*Nota do revisor*).

Às sete horas, começa a esvaecer-se o orvalho; deixa de soprar o terral; um pouco depois, já se vai fazendo sentir o calor. Sob o rápido e perpendicular o sol, no céu claro e de azul transparente, no qual todas as evaporações estão dissolvidas igualmente, até formarem mais tarde nuvenzinhas brancas, baixas, no horizonte a oeste, e que se vão pouco a pouco esgarçando no firmamento. Cerca das nove horas, está o campo completamente enxuto; ostenta a mata a esplêndida folhagem dos loureiros; umas flores desabrocham; outras, já o amor as fez rapidamente fenecer. Uma hora depois as nuvens avolumam-se no alto e passam às vezes sobre o sol, escurecendo-o e refrescando o ar, mudando a paisagem, antes toda iluminada. Estiolam-se as plantas aos raios candentes; perdidas, cederam à força da sedução. Escaravelhos de asas de ouro e colibrís zumbem ativos, mais perto; vivo jogo de cores formam as marchetadas borboletas e libélulas, perseguindo-se à beira do rio; os caminhos fervilham de formigas, que, em extensas correições, arrastam folhas para as suas moradas. Mas também os animais indolentes sentem o estímulo do sol; surge todo, da lama da margem, o jacaré, e espraia-se na quentura da areia; tartarugas e lagartos sentem-se atraídos para fora de suas sombras húmidas; coleiam cobras, escuras ou de vistosos chamalotes, nas veredas quentes e claras. Densas, entretanto, aprofundam-se as nuvens, separam-se em camadas, sempre mais pesadas, mais negras, em cortinas cinzento-azuladas, velam o horizonte; para o zênite amontoam-se castelos de nuvens mais claras. De uma vez encobre-se todo o céu; só aqui e ali é que se abre um cantinho azul; esconde-se o sol, porem ainda mais quente se faz sentir o ar abafado. Já passa de meio-dia: sempre mais forte é a tensão e está aí a tormenta que os gozos do dia produziram. Fome e sede alvoroçam os animais; somente os preguiçosos, refugiados no aranhol da mata, não têm idéia da pavorosa crise da natureza. E ela vem; rápida, inevitável, vai desencadear-se; já se refresca a atmosfera; os ventos sopram violentos em todos os sentidos, revolvem a mata e, depois, o mar, que mais e mais escuro se encapela, e o rio, mais sombrio, parece, ao clamor do vento, correr emudecido além. Eis a tempestade! Duas, tres vezes, rasga as nuvens um relâmpago lívido; duas, tres vezes, ribomba o trovão, repercutindo lento, tremulamente e longamente; caem bátegas do espaço.

As plantas respiram melhor, reanimadas; novo trovão, e não chuva, nas cataratas é que se precipitam do céu convulsionado. A mata suspira; o sussurro das folhas agitadas cresce, torna-se rouco, qual surdo rufar de tambores. As flores vacilam, caem folhas, galhos

são arrancados, troncos apodrecidos abalam-se; com impetuosidade, o tufão destroe os últimos encantos da florescência. Por que não? Não floresceram e amaram? Já não enrola o ingazeiro os seus estames vasios? Não deixa a *Banisteria* cair as folhinhas douradas dos cálices já fecundados? Não entrega o galho do *copo-de-leite* à tempestade o invólucro murcho do seu cartuxo frutificado?

O mundo dos animais também se impressiona com o horror daquela hora; emudecidas, as aves vagueiam assustadas no solo da mata; a tremer, a raça incontável dos insetos esconde-se, pedindo proteção às folhas e aos troncos; dissuadido da guerra e morticínio, o mamífero abandona a perseguição; somente os anfíbios de sangue frio se regozijam com as torrentes desabadas; e, aos milhares, entoam seus coros as vozes dos sapos e das rãs, no campo inundado. Em riachos, correm as águas turvas pelas estreitas veredas da mata para o rio ou escorrem para dentro das fendas do solo. Mais e mais declina a temperatura; as nuvens esvaziam-se pouco a pouco; ainda um momento, e é já passada a procela. Com brilho novo, sae o sol das extensas camadas de nuvens, que se vão separando, desaparecendo para o sul e para o norte, e, como de manhã, em finas, ligeiras formas, orlam o fundo azul do firmamento. Já sorri o ceu, de novo, com olhos profundamente azues, para a terra, e, em breve, ela esquece o susto. Daí a uma hora, nem ha mais vestígio da tempestade; reanimadas estão as plantas já enxutas pelos ardentes raios de sol, e os animais retomaram os seus hábitos, seguindo os seus instintos hereditários. Assim, vai entardecendo, e outras nuvens aparecem entre flocos brancos, no horizonte; ora tingem elas de tons violetas, ora iluminam de amarelo-pálido a paisagem que o rio e o mar, reunidos, formam sobre o fundo imponente do alto capoeirão. Descamba o sol, cercado das mais variadas tonalidades, escondendo-se nos pórticos ocidentais do firmamento; deixa paz e amor às criaturas; com a escuridão, animais e plantas preocupam-se com outros intuitos, e confiantes sussurros e gorgeios animam as sombras da mata; estimulam, com renovado ardor amoroso, os aromas inebriantes exalados pelas flores que acabam de desabrochar: a natureza entrega-se ao poderoso instinto da reprodução. Ainda alguns reflexos de luz do sol escondido flutuam sobre as copas; mas eis que na tranquilidade fresca, doce e misteriosa, vem nascendo a lua, branca de prata, por cima da floresta sombria, e os vultos tomam novas formas mais suaves. Anoitece; a natureza toda adormece e sonha, e o firmamento arqueia-se imenso acima da terra, todo crivado de inúmeras cintilações, testemunhas de esplendores longinquos e inspirando humildade e confiança no coração dos homens, — a dádiva mais divina, depois de um dia de gozo”.

Em idêntica sucessão, como esse quadro que acabo de descrever, ocorrem no Pará (3), dia após dia ao menos em grande parte do ano, os mesmos fenômenos naturais. Com esplêndida regularidade, cada hora trás a mesma tensão, o mesmo abatimento das forças da natureza, e cada criatura aparece no momento dado, representa o seu papel e some-se na multidão da comparsaria. Cada um obedece ao próprio impulso de seu ser, e, contudo, é apenas um servo da lei geral; cada qual parece ter só a si mesmo em mira, e, entretanto, o mesmo acontece a todos os do conjunto; porem o homem, mais habituado a considerar apenas no seu conciente o determinismo das épocas do mundo, reconhece que essa poderosa pulsação da natureza tem o seu indicador próprio dos tempos. E essa maravilhosa condição de uma ordem regular de fenômenos, preestabelecida, deve manifestar-se justamente aquí, sob o equador, com mais evidência. Por toda parte, é o nosso planeta dominado, igualmente submetido à servidão do alto astro; porem só aquí, onde o sol em sempre igual distância prescreve as mesmas leis, é que se indicam esses atos obrigatórios da vida da terra como movimentos livres, e a terra parece aliada, não a serva, do corpo celeste dominador. Quão diferente e tudo isso ao norte e ao sul, onde a terra vencida, não em amigavel aquiescência, porem, em hostile servidão, tem que sofrer as mais diversas condições e violentas, tempestuosas transições de umas para outras. Os inopinados contrastes das estações, aquí, nesta feliz latitude da terra, desaparecem, e apenas com mínimas diferenças se indica o comprimento do dia. Estação seca e chuvosa (verão e inverno) vem uma após a outra, sem a gente sentir, pois quasi diariamente se alternam sol e chuva; e até, de certo modo, apenas se observa a chegada da primavera e do outono, pelos períodos da vegetação. Esta, porem, favorecida aquí pelos seus verdadeiros elementos de vida, o calor e a humidade, surge com plena exuberância, e cobre todo o país, desde o litoral, com o mais denso e pujante arvoredos, sempre viçoso. Muitas plantas, talvez justamente aquelas cujo aparecimento se cinge aos estreitos limites das regiões equatoriais, estão quasi todo o ano floridas; muitas florecem na primavera, outras no outono; a

(3) A nossa primeira estada no Pará foi em julho e agosto; a segunda foi em abril, maio e junho. Tomámos, portanto, conhecimento do ponto solsticial nesse clima do equador, e que ocorre nos meses de outubro e novembro, não, porem, por nossa própria observação. De agosto a outubro, torna-se ali o clima sempre mais seco e menos regulares são as chuvas, como já dissemos; começa em novembro a verdadeira época das chuvas, que se acompanham de trovoadas mais fortes e mais prolongadas. Caem com maior abundância em fevereiro ou março, porem muitas vezes espaçam-se um pouco em janeiro e fevereiro (o *veranico*). No interior do continente, também observámos estes fatos. Em setembro, quando navegámos rio acima, favorecidos pelo vento de leste, tivemos a maior seca, e, ao contrário, os mais fortes aguaceiros, na volta, em março (Nota do autor).



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**